

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO (ADAPTAÇÃO CNFCP)		CÓDIGO DA FICHA					
		MA	01	00	05	F40	03
		UF	Sítio	Loc	ANO	FICHA	No.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Maranhão
LOCALIDADE	Baixada Maranhense, Litoral Ocidental Maranhense, regiões do Alto Mearim e Grajaú e de Caxias.
MUNICÍPIO / UF	Barra do Corda, Caxias, Cururupu, Guimarães e Matinha.

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Personagens indígenas
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Das personagens: índias, caboclos guerreiros, caboclos de pena, tapuia-chefa, índia guerreira, caboclas. Dos grupos de personagens: tribo de índios, turma de índios.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

NOME/ DATA DE NASCIMENTO	Alieth Lorena Rodrigues Durans nasceu em 27 de novembro de 1993. Reside no município de Barra do Corda.	☐ MASCULINO ☒ FEMININO
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ APRENDIZ ☐ PRODUTOR ☐ VENDEDOR ☒ PÚBLICO ☒ EXECUTANTE É índia do Boi Brilho da Barra	

NOME/ DATA DE NASCIMENTO	Hayanne da Conceição Brito Sousa nasceu em 20 de junho de 1989. Reside no município de Barra do Corda.	☐ MASCULINO ☒ FEMININO
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ APRENDIZ ☒ PRODUTOR ☐ VENDEDOR ☐ PÚBLICO ☒ EXECUTANTE É índia e coreógrafa do Boi Estrela Mirim.	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MA	01	00	05	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

NOME/ DATA DE NASCIMENTO	Alessandra Reis Silva nasceu em 6 de novembro de 1979. Reside em Areia Branca, no município de Cururupu.		☐ MASCULINO ☒ FEMININO
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ APRENDIZ	☒ PRODUTOR ☐ VENDEDOR	☐ PÚBLICO ☒ EXECUTANTE
É tapuia-chefa do Bumba-meu-boi de Areia Branca.			

4. FOTOS



5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

Dentre as diversas personagens do Bumba-meu-boi do Maranhão, um elemento presente em quase todos os grupos é a figura do índio ou da índia, identificados a partir de diversas designações (caboclos de pena¹ ou caboclos reais, caciques, caboclos guerreiros, índias encantadas, tapuios, tapuias, pajés e índias guerreiras). Essas diferentes personagens se relacionam aos repertórios estéticos e simbólicos das variadas brincadeiras de Bumba-boi e caracterizam-se por formas de expressão corporal e estilos de indumentárias que identificam diferentes tradições da manifestação no Estado².

Nessa perspectiva, os Caboclos de Pena dos grupos de matraca de São Luís são facilmente diferenciados dos Caciques, personagens das brincadeiras identificadas como Bois da Baixada ou de Pindaré radicadas na Capital. Na atualidade, todavia, observa-se que esse aspecto paulatinamente cede lugar à prática de re-elaboração anual das vestes e das danças, apesar de muitos grupos conservarem movimentações e tipologias de indumentárias constituídas ao longo de várias gerações.

¹ Embora a expressão caboclo de pena seja associada freqüentemente apenas à personagem que representa a figura do índio nos grupos radicados em São Luís, caracterizados como Bois de Matraca ou Bois da Ilha, alguns grupos do interior também possuem personagens identificadas por essa denominação. Luis Carlos da Cruz Soares, da Associação Folclórica Ventura Soares, em Matinha, por exemplo, informa que há caboclos de pena em seu grupo.

² Por diferentes tradições compreendemos a constituição de formas específicas de vestir, representar, dançar, cantar e tocar que, entre outros aspectos, identificam variações formais apresentadas por grupos de diferentes regiões ou de uma mesma localidade, bem como a dimensão simbólica ou universo significante dessas brincadeiras. Nessa perspectiva, também consideramos as representações e discursos construídos pelos brincantes e pelos diversos setores que se relacionam com a manifestação (a universidade, os órgãos de gerenciamento da cultura e o público, entre outros) como elementos construtores dessas realidades. Desse modo, não descartamos totalmente a classificação da brincadeira em sotaques, embora não concordemos com a redução da celebração a determinados conjuntos de instrumentos, estilos de danças ou formas de vestimentas; e, tampouco, com a relação estabelecida entre os diferentes estilos de brincar Boi com hipotéticas influências raciais ou simplesmente com limites territoriais e administrativos.

Assim, ainda que tenha sido construída a partir de generalizações e apresente problemas significativos (em relação à compreensão das variâncias internas dentro de um mesmo estilo e dos processos de transformação e mistura que marcam a constituição dos grupos, por exemplo) é preciso considerar a classificação como parte do discurso elaborador da brincadeira na atualidade. Desse modo, o conceito de sotaques de Boi, criado ou sistematizado pela literatura, é acionado por alguns brincantes para pensar as diferenças entre os grupos e, às vezes, torna-se uma força coerciva que limita as possibilidades de mudança. A referida definição constitui, por essa razão, um importante elemento de análise.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 05 F40 03**

De forma geral, a participação dos Índios no Bumba-meu-boi está relacionada à execução de danças, embora essas personagens também integrem, em alguns casos, as tramas de matança (representações dramáticas também identificadas como autos, palhaçadas, comédias e morte de levantar), realizadas durante o período de apresentações por algumas turmas.

De acordo com Alessandra Silva - tapuia-chefa do Boi da Areia Branca, do município de Cururupu, nas matanças de seu grupo as tapuias “disputam” com os palhaços (personagens cômicos mais ativamente envolvidos na criação e encenação das narrativas dramáticas). Segundo a brincante, “a gente tem que agarrar eles, tem que esticar ele pra um lado e outro, ali ele quer fugir, a gente não deixa. E tem que prender ele ali, aí ele quer largar da nossa mão e a gente tem que prender, aí quem bate, bate e é aquele negócio. É uma emoção”.

A participação dessas personagens nas encenações pode determinar, também, a execução de falas, versos e toadas. Alessandra Silva destaca que no momento em que as tapuias são chamadas “[...] tem que ter uma falinha, [...] uma falinha assim que as tapuias... Fala pras tapuias ir atrás do boi, aí a gente tem que vir aqui buscar o boi pra levar pra lá de novo. Aí que vem a vaquejada porque a vaquejada tem que ta o boi, os vaqueiros e as tapuias tudo na frente”.

Na festa da Morte do Boi, o grupo de índios também pode fazer parte do ritual onde o Boizinho é simbolicamente morto e, em certos casos, dividido entre os brincantes e participantes da festa. Nessas ocasiões, em alguns grupos, os índios também executam versos em resposta às toadas dos cantadores e de outras personagens (como o Nego Chico, quando da representação do roubo e sacrifício do Boi).

Embora falemos de Índios e Índias de forma genérica, é preciso ressaltar que no contexto do Bumba-meu-boi há representações plásticas³ e sociais sobre o índio engendradas em diferentes contextos histórico-culturais. Desse modo, ora a figura do indígena é acionada como símbolo de valentia e coragem, especialmente nas narrativas onde o grupo de índios ou caboclos são os únicos capazes de capturar o Nego Chico⁴ (tanto pela força quanto pelo conhecimento das matas), ora a índia é tomada como símbolo de uma idealizada beleza nativa, estando sua presença relacionada à estética da brincadeira. Nas narrativas também diferem as representações sobre a integração do “índio” ao meio urbano ou rural, aparecendo, em certos casos, como uma figura que só aceita realizar o trabalho de captura do Nego Chico caso receba pagamento em dinheiro, ou ainda, se a ele for dada a benção/batismo para que deixe de ser pagão.

O índio, representado pela figura do Pajé, também possui, em certas narrativas, o conhecimento necessário à empreitada de curar ou ressuscitar o Boi que teve sua língua arrancada para satisfazer os desejos de Catirina, que espera um filho do Pai Francisco. Nessa situação, o índio curandeiro surge como o elemento da história que satiriza o conhecimento institucionalizado do médico, veterinário ou Doutor (a esse último são comumente agregadas outras expressões como, por exemplo, “Doutor da Medicina”).

A simples existência dos índios e caboclos na brincadeira aponta para mecanismos ideológicos e tematizações de lutas de classes ou de relações inter-raciais⁵. Nessa perspectiva, nos trabalhos de alguns autores, independentemente da inserção da personagem em encenações ou narrativas (elaboradas e re-elaboradas para dar sentido à brincadeira), a figura do índio reafirma continuamente o mito da constituição do Bumba-meu-boi a partir do “encontro das três raças” (AZEVEDO NETO:1997; PASSOS:2003) ou, como alguns escritores convencionaram, das matrizes culturais africanas, européias e indígenas (CARVALHO:1995; MARQUES:1999). Essa concepção frequentemente distingue a “contribuição” que cada uma dessas matrizes teria dado ao folguado na indumentária, na dança e na musicalidade a partir de pré-noções, muitas vezes incorrendo em generalizações e incoerências.

Com o tempo, essas representações foram incorporadas ao discurso de alguns brincantes. Hayanne Sousa - índia do Boi Estrela Mirim, por exemplo, informa que a brincadeira “veio dos europeus, africanos e indígenas. Foram eles que criaram o Bumba-meu-boi aqui no Maranhão”.

Quanto à performance e aos seus processos de aprendizagem, Alessandra Silva, do Boi da Areia Branca, ressalta que se familiarizou com a expressão corporal da Tapuia pelo convívio e diálogo com outras brincantes. Os saberes que envolvem a personagem e suas formas de expressão foram transmitidos informalmente e, nesse processo, foi de grande importância o exercício de seguir os movimentos executados por tapuias-chefes do Boi da Boa Vista, de Zabumba, e do Bumba-boi da Areia Branca, grupo identificado como Boi de Pandeiro, Boi de Costa-de-mão ou de Cururupu.

³ Essas representações se expressam na criação de indumentárias, adereços, pinturas corporais e objetos cênicos que condizem com a imagem de índio elaborada pelos brincantes.

⁴ Personagem também chamado de Pai Francisco, que rouba e mata o Boi de estimação do patrão/amo para satisfazer os desejos de Catirina, grávida de um filho seu.

⁵ POR RAÇA COMPREENDEMOS DIFERENTES CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS QUE, NO PLANO TEÓRICO E POLÍTICO, DISTINGUEM SUJEITOS EM RAZÃO DE CARACTERÍSTICAS FENOTÍPICAS E/OU DE SUA ASCENDÊNCIA, IDENTIFICANDO, EM CERTOS CASOS, RELAÇÕES HIPOTÉTICAS ENTRE DIFERENÇAS BIOLÓGICAS E CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS E CULTURAIS DOS DIFERENTES INDIVÍDUOS EM UMA DETERMINADA TEMPORALIDADE (MUNANGA, 2006:45-57).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 05 F40 03**

“Eu comecei a dançar no Boi da Boa Vista com quatorze anos. [...] Foi a chefe de lá. [...] Por que ela era da frente, a gente já ficava pra trás e ela já ia ali. Ela na frente e a gente já ia guiando”.

Alessandra informa que hoje, quando começa a executar os movimentos na frente das demais Tapuias, “elas já sabem atrás, porque a gente ensaia antes. Não tem nome, não [para identificar os passos]. [...] Somos nós mesmos as tapuias que criamos. A gente tem aquele meio de inventar passos [...]”.

Dessa forma, muitas vezes é responsabilidade dos próprios brincantes a elaboração da seqüência coreográfica, quando essa se modifica anualmente. A coreografia, na maioria das vezes, é discutida entre os dançarinos, mas também há grupos que definem um coreógrafo, que pode ou não participar da turma de brincantes.

Em alguns casos, as índias apresentam movimentos alusivos aos temas das toadas que são executadas, mas, além disso, o batuque das brincadeiras de Boi possui estreita relação com o ritmo das danças apresentadas pelos grupos de Índios.

Segundo Alessandra, “pelo pandeiro, pela batucada ali a gente tem que dançar certinho ali na batucada do pandeiro”. O modo como a Tapuia dança varia entre grupos, modifica-se a cada ano, muda de acordo com a região de origem da brincadeira e segundo o seu “sotaque”.

Assim, em relação às particularidades da forma de dançar das tapuias nos Bois de Zabumba e de Pandeiro da região de Cururupu, Alessandra comenta:

“Por que o de zabumba ele tem uma dança assim mais lenta, é mais devagar ali. Tem a batucada dele é mais forte, mas ali a nossa dança é mais lenta. E esse daqui é mais forte, a gente tem que pular mais. [...] Eu acho uma diferença assim por que a gente do Boi Costa-de-mão a gente pula mais e lá eles são mais lento assim. Eu acho uma diferença assim que o de Zabumba é mais lento [...] devagar. Pra cá já é mais cansativo, a gente pula mais”.

Todavia, é preciso salientar que mesmo uma tradição como o Boi de Zabumba (facilmente identificada por alguns dos elementos constitutivos de suas vestes e de seus instrumentos) pode apresentar variação rítmica, coreográfica, plástica e cênica, entre outros aspectos, nas diferentes localidades em que se manifesta.

Dessa forma, a performance dos Índios e das Índias representa um conjunto de formas de expressão amplo e heterogêneo, que envolve danças variadas, além de cantos e formas de teatralidade apresentadas por brincantes que utilizam as mais diversas indumentárias.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

O espaço de realização do Bumba-meu-boi é constituído por conjuntos diversificados de ambiências reelaborados nos vários momentos que compõem a festa, quer pela simples ocorrência da apresentação e da proposição de uma relação entre os sujeitos que brincam e os que assistem à brincadeira, quer pela configuração de uma nova estética para ornamentação do local ou construção de uma infra-estrutura específica para realização da atividade.

A performance das Índias, nessa perspectiva, não está relacionada a um espaço físico específico, podendo ser realizada em praças públicas, arraiais, ruas e clubes, durante as apresentações, ou, no caso de alguns grupos, nas dependências do barracão quando da morte do Boi e no período de ensaios. Algumas brincadeiras de Boi relacionam-se com Terreiros, Tendas e outros espaços de culto religioso de matriz africana e, por essa razão, podem ocorrer no espaço físico da celebração religiosa. Além disso, em alguns municípios do interior, comumente os grupos são chamados a brincar na porta da residência de particulares.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Eventualmente, os grupos de Bumba-meu-boi brincam em espaços com infra-estrutura fixa (praças, clubes) ou preparados especificamente para apresentação de danças populares, especialmente no período junino (os arraiais, por exemplo). Além disso, parte das turmas de Bumba-boi possui um barracão ou sede - espaço de preparação da brincadeira, que também serve de depósito para guardar pertences do grupo e abriga os brincantes durante a realização de ensaios, reuniões e confraternização. Em certos casos, a sede também é usada para a realização do ritual de batismo (quando há) e da Festa da Morte do Boi, bem como de apresentações.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 05 F40 03****6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO**

Quando um grupo de Bumba-boi é convidado a brincar na casa de particulares, os donos da residência são responsáveis pela organização do local para recebê-lo. Nos casos em que o Boi brinca em espaços públicos, normalmente são os organizadores da festa, muitas vezes contratados por órgãos públicos estaduais ou municipais, que cuidam do espaço, com ajuda dos dirigentes ou regentes da brincadeira.

Em alguns locais, observa-se o isolamento de um espaço chamado circo, com folhas de coqueiro e esteios, para realização de apresentações. Nesse caso, o responsável pelo local ou os regentes da brincadeira criam o espaço e cobram um preço módico para entrada do público.

Há, em alguns municípios, necessidade de solicitar uma licença nas delegacias de polícia para que os grupos possam brincar em espaços públicos ou organizar festas e apresentações em suas sedes a partir de um determinado horário.

7. TEMPO

7.1. PERIODICIDADE A performance dos índios e índias pode ocorrer em qualquer período do ano, de acordo com as apresentações da brincadeira de Boi da qual fazem parte. O calendário da brincadeira, por sua vez, envolve vários momentos ou etapas, como ensaios, batizado, apresentações ou brincadas, festa da morte ou festa final e reuniões dos brincantes. Não há, todavia, um “calendário ritual” comum a todos os grupos e, por isso, o período e a existência das mencionadas etapas subordina-se às motivações e possibilidades de cada turma.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1996

1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIAS**Alieth Lorena Rodrigues Durans**

Alieth Duranes é índia do Boi Brilho da Barra e participa da manifestação apresentando as coreografias dessa personagem. Desde 1998, ano de fundação do Boi, vem dançando na brincadeira. Na época tinha apenas quatro anos de idade e aprendeu a dançar com seu pai, que é o atual responsável pelo Boi. “Foi o pai que me colocou, que eu nem sabia direito o que era, porque eu iniciei com quatro anos de idade”. Ensina as amigas que fazem parte do Boi, bem como os candidatos a brincantes.

Hayanne da Conceição Brito Sousa

Hayanne Sousa é uma das índias do Boi Estrela Mirim e também a responsável pela elaboração das coreografias, além de ajudar sua mãe, Maria Alice Brito – fundadora do grupo, a fazer as indumentárias e bordar o couro do Boi. A brincante, que se identifica como dançarina e coreógrafa, começou a dançar aos 11 anos de idade, quando foi fundado o Boi Estrela Mirim. Hayanne aprendeu observando sua irmã Aline, que, por sua vez, havia aprendido com as freiras da escola na qual estudava: “A minha irmã dançava no outro Boi [...]. Das Irmãs. Lá das freiras. Aí, ela dançava. [...] Mas ela não me ensinou, eu que vi e aprendi”.

Desde o primeiro ano do Boi, quando aprendeu os passos com a irmã e começou a ensinar as outras crianças, vem sendo coreógrafa do Boi Estrela Mirim.

Alice Brito, fundadora do grupo e mãe de Hayanne, informa que sua filha cria as coreografias com facilidade, por inspiração:

“Eu acho que é na hora, é inspiração dela mesmo. Eu não sei... Que tem hora que eu digo: ‘Hayanne, onde foi que tu viu isso?’ – ‘Ah, mãe, foi eu que criei nesse instante’. É desse jeito! Eu digo: ‘minha filha, pois vai botando o nome das coreografias. Tu mesmo que cria, tu vai inventando, colocando um nome pra essas coreografias’”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 05 F40 03****Alessandra Reis Silva**

Alessandra começou a sair de tapuia aos quatorze anos no Boi da Boa Vista e desde então continua a representar a personagem, agora na brincadeira do Bumba-meu-boi da Areia Branca, em Cururupu.

“Eu brinquei no boi de Zabumba, [...] brinquei também o Boi da Boa Vista, Zabumba também. Brinquei esse de Maria Estela, Costa-de-mão que é o mesmo daqui e depois que eu passei pra cá”.

Costuma ensinar as outras tapuias da brincadeira, pois executa a dança e as demais seguem seus comandos.

“[...] minha função é tapuia. Tem as outras também, só que como eu sou da frente aí eu reúno todas elas pra gente apresentar a brincadeira direitinho ali. E na hora que começar todas tem que ta prontinha já no jeito pra apresentar a brincadeira e também qualquer tipo de, assim, de relação a termos de temas das meninas eu tenho que chegar lá, dar conselho tudinho, essa é minha função na hora da apresentação da brincadeira, também”.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES.**

A razão do aparecimento de personagens identificadas como índios, caboclos de pena ou caboclos reais, tapuios e caciques é tão imprecisa quanto as origens do Bumba-meu-boi. Quando questionados a respeito das origens dessas personagens, muitos brincantes recorrem a narrativas dramáticas que contextualizam a presença dos índios a partir das funções que estes assumiam ou assumem em encenações identificadas como matanças, comédias ou autos.

A presença de mulheres representando a figura do Índio nessa brincadeira, por sua vez, remonta provavelmente à segunda metade do século XX, ao longo de um período que se estendeu entre as décadas de 1960 e 1990 até que a participação da mulher, como brincante, se consolidasse totalmente. Esse período foi marcado também pela elaboração de formas de indumentárias características para as mulheres que representavam as índias.

Na atualidade, índias e tapuias têm sua existência relacionada à estética dos grupos, tanto no que se refere às indumentárias e seqüências coreográficas apresentadas por essas personagens, quanto pela exposição do corpo das brincantes. Trata-se, no entanto, de construções recentes que se relacionam à participação mais incisiva de mulheres e meninas nas apresentações e às mudanças no sistema de apoio à realização do Bumba-meu-boi a partir do incentivo das Secretarias de Estado da Cultura e dos órgãos congêneres das prefeituras municipais, iniciado nas últimas décadas do século XX. Esse processo determinou, em alguns grupos, a re-elaboração e troca anual das indumentárias, utilização de novos materiais e criação de vestes mais ornamentadas.

Em uma perspectiva mais ampla, esse processo também se relaciona à supressão das encenações cômicas realizadas nas apresentações, fenômeno observado em várias regiões do interior do Estado e em São Luís, mas que não se consolidou inteiramente. Assim, em estreita relação com a popularização de arraiais gerenciados por órgãos públicos e a progressiva diminuição do espaço de tempo reservado à apresentação de cada brincadeira, consolidou-se uma estrutura de apresentação constituída pela execução de danças e toadas⁶, sem apresentações das dramatizações chamadas de comédias, matanças, palhaçadas ou, segundo o termo que a literatura popularizou, auto.

Essa nova situação acionou a preocupação dos dirigentes dos grupos em definir seqüências coreográficas e selecionar brincantes, marcando uma nova estética e funcionalidade para o conjunto de índios nas apresentações. Esse processo também se refletiu na proporção dessa categoria de personagens em relação aos demais “bailantes”. Dessa forma, o número de índios aumentou significativamente nos últimos anos o que se refletiu, também, no crescimento dos gastos com a produção das vestes e ornamentos.

No final de década de 1990, foi registrado, nos grupos do sotaque de Orquestra, uma supervalorização das índias, cujas vestes passaram a ser cada vez mais reduzidas e enfeitadas, com o objetivo de chamar a atenção para as formas físicas das meninas que desempenham esse papel. O número dessas personagens cresceu e a elas foi reservado um lugar de destaque no conjunto durante as apresentações, havendo grupos que realizam seleções de meninas e jovens para integrarem o corpo de baile a partir de padrões estéticos culturalmente dominantes, num processo que pode ser definido como erotização do Bumba-meu-boi.

⁶ Cantos com acompanhamento de instrumentos de percussão e/ ou de cordas e de sopro.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 05 F40 03**

Recentemente houve um outro processo visto como a contra-face da erotização feminina do Bumba, com a inserção de índios, representados por homens, no Bumba-meu-boi de Morros, caracterizado como do sotaque de Orquestra. Nessa perspectiva, essa atualização foi encarada pelos defensores da “tradição” no Bumba-meu-boi como um processo de “descaracterização” da brincadeira, pois colocava em questão a exposição do corpo masculino em um espaço “espetacularizado”, no qual a exibição de músculos provoca o delírio do público feminino durante as apresentações do grupo.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

João Evangelista Pacheco Costa, Patrão do Boi Brilho de Ouro Unido Vila Cardoso, radicado em Matinha, relata uma versão da narrativa de morte e ressurreição do Boi na qual os cabocos são os únicos capazes de capturar o Pai Francisco, que roubou e matou o Boi para satisfazer os desejos de grávida de Catirina.

“[...] dentro do período da morte do boi tem, ele tem um conjunto o patrão, tem o conjunto dele, tem o primeiro vaqueiro, tem o segundo vaqueiro, tem o grupo de vaqueiros, tem o grupo de rapaz, tem o grupo de pastorinhas, tem Catirina, Catirina pertence a Pai Francisco, tem caboco, tem caboca que é índia. Sabe como é, né? E pelo menos o grupo de índio é do trabalho, hora de morte de boi porque às vezes o Pai Francisco ele é revoltado, ele é contra o patrão, né? Porque ele é cheio de besteira, ele quer tudo, ele quer fazer por conta, ele é adversário do patrão, unido, mas é adversário na hora do serviço, né? [...] porque ele que às vezes a filha acha que o boi tá fazendo mal pra ele, e ele mal atende porque acha que o boi tá fazendo mal, que essa morte de boi de dizer morreu e levantou... Sabe porque se diz assim? Porque ele acha que o boi tá fazendo mal e mata o boi, aí o patrão como acha que não tá encontrando aí ele manda os vaqueiros na batida, né? Tem que procurar os vaqueiros, manda primeiro, manda segundo, manda terceiro, manda quarto, já não dão conta mais, aí eles chama os rapaz, aí os rapaz vão ir até o encontro com o boi morto aí vem dizer pro patrão [...] que acharam o boi morto e tal tal... É, dependendo desse boi morto e tal e aí vão investigar como é que vai fazer e como é, e quem matou e num sabe quem matou foi Chico:

- Chico que matou o boi? Tem certeza?

- Tenho!

- Como é pra panhar esse Chico pra resolver isso?

- Só os cabocos que são brabos, né? Pra panharem...

Aí que os cabocos vão panhar, não só chamando o diretor. Ainda tem o diretor, o diretor é o líder. No caso, aí vai chamar de um a um, vai batizar os cabocos que são batizado. É batizado mesmo, é batizar, é importante, tá vendo? Na brincadeira, aí que é pra poder ir pra guerra, prender Nego Chico, aí depois do batizado eles parte pra prender e prende o cabra. E agora eles tragam, ele vai conversar com o patrão porque ele matou o boi aí ele vai dizer que o boi tava fazendo mal pra ele e era cupardo [sic] o vaqueiro, o rapaz que num tinha o cuidado ele vai dizer que o boi tinha acabado com roça dele e tal tal tal.[...]

E aí o patrão vai exigir dele:

- O que tu matou boi e o que tu fez com a carne desse boi?

Aí ele vai dizer como é que ele fez:

- Bem, então num quero saber de nada, eu quero que tu me dê conta deste boi dançando contra a varsa varsada, fandango diminuída como dantes dançava! Eu quero ele vivo!

Só que tem mais doutor, agora eu vou chamar primeiro segundo doutor. Aí ele não vai dá receita até quando ele chama o Doutor da Juntaria, aí o Doutor junta todos os Doutor e cada qual vai dá uma receita pro boi pra saber como é que o boi pode levantar, como é que não pode tal tal. Até ele diz:

- Pro boi levantar é preciso ter... Chame o primeiro vaqueiro, chame o Pai Francisco da Catirina!

Então a Catirina vai assoprar na bunda do boi (risos). E o Pai Francisco mandando, né? E o vaqueiro cantando boiada e aí isso permite o boi de pano levantar com a cantiga. Aí toca toada, né? Aí é ultimamente vai acontecer o boi levantando, né? Agora depois que levanta, aí vão entregar o São João pra São João tal tal. Isso é importante, numa morte do boi é importante, agora é de mourão, já pra morrer pra bandalhar [sic] essa pra vender os pedaço todo.

[...] A Catirina participa porque ela é a esposa de Pai Francisco, quando prende o Pai Francisco ela fica revoltada quer ir também presa, e ela faz uma porção de coisas na boiada, é importante a... A Catirina é uma pessoa mesmo que se veste dentro do vestido, um homem, né? É um homem mesmo que se veste, veste uma mulher né? Pra palhaçada ser melhor, né? Que sabe uma mulher é mais fraca pra tá fazendo aquelas coisas, né? É importante”.

Raimundo Santos, conhecido como Raimundo Pastorador - dono e mandador do Boi Mimo da Fazenda, do município de Caxias, fala, por sua vez, sobre uma encenação em que o Caboclo Real participava de uma estrutura cênico-coreográfica específica.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 05 F40 03**

“[...] quando esse homem chegou eu fui pra perto dele, fiquei ali observando ele e ele fazendo. Foi fazer o ensaio e me escolheu como caboclo real, eu tinha outro amigo, um menino como eu, o nome dele era Antônio, [...]. Aí veio esse rapazinho, menino, garoto [...] aí o mestre escolheu nós dois: 'você dois vão fazer o papel de caboclo real, caboclo real não brinca com maracá, caboclo real não brinca de matraca, não brinca com ferrão, caboclo real brinca com flecha como índio, se faz a flecha, eu vou fazer e é pra vocês brincar na hora que eu chamar na frente do boi. Venha cá, meus dois caboclo real, na música que vai chamar, meus dois caboclos real, aí vocês representam na frente do boi. Vocês dois, um dum lado do outro, cada um com uma flecha, aí entrança as flechas e vão pulando até lá fora, onde tá a platéia, pulando de lá pra cá, aí vai lá e vem de lá pra cá, vocês só levanta quando chegar aqui na minha frente, aí vocês levantam e cada qual coloca no seu cordão, você brinca num cordão e ele brinca em outro. Aí você coloca cada qual no seu lugar, tá certo?'. Então aí tomei aquilo como uma lição, era uma coisa que eu não sabia, mas aí eu aprendi, fui aprendendo e ensinava com paciência [...] hoje nós brinca boi só cantando música, essas coisas, não brinca mais como a gente brincava, a gente brincava era brincando mesmo, fazia parte da dança do boi que era uma parte que nós devia fazer do jeito que nós fazia e depois eu modifiquei porque tava achando que não era assim...”.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
19__	Supressão das encenações cômicas realizadas nas apresentações, fenômeno observado em vários grupos das regiões do interior do Estado e na Capital; Instauração do modelo de apresentações de curta duração restrito à dança e à execução de toadas.
1950-1970	Introdução de Índias nos cordões de algumas brincadeiras de Boi.
1980	De acordo com José Raimundo Barbosa Fonseca do Bumba-meu-boi Nova Estrela, radicado em Guimarães, a incorporação de tapuios e índias no Bumba-boi é relativamente recente. “Já veio aparecer de uns certos tempos pra cá, mais ou menos, uns vinte anos mais ou menos que sempre começaram a botar e foi pegando, pegando. E hoje em dia o Boi de Zabumba que não tem um índio, um tapuio... Eles são os principais que vêm na frente junto com o vaqueiro, quando vem da fogueira pra se apresentar”. Mais especificamente sobre as Tapuias, o brincante comenta: “Não tenho lembrança, também de certos tempos pra cá, sempre os bois que eu vim não tinha, não tinha índia, não tinha tapuio, não tinha nada, tinha só os palhaços”.
1990	Aumento progressivo do número de índias nas brincadeiras de Boi.
	Inserção de índios, representados por homens, no Bumba-meu-boi de Morros, do sotaque de Orquestra.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

O resultado da atividade é, primeiramente, a performance coletiva do grupo de índios. Em um sentido mais amplo, é a organização cênico-coreográfica dos diversos brincantes durante a apresentação.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MA	01	00	05	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Processo Seletivo	Etapa de seleção de novos integrantes para as turmas de Boi. Em alguns casos, nessa atividade são ensinados os movimentos básicos para os candidatos a dançarinos. Trata-se, no entanto, de um aspecto característico de apenas alguns dos grupos pesquisados, não havendo necessidade, em muitas turmas, de realizar processos seletivos.
Ensaios dos Índios ou das Índias	Nos ensaios os brincantes conhecem as seqüências coreográficas e as marcações que serão executadas nas apresentações (quando da realização de danças padronizadas) ou se familiarizariam com as formas de expressão corporal características dos grupos de brincantes de uma determinada localidade ou grupo, constituída ao longo de vários anos. Em alguns casos, os ensaios das índias ocorrem separadamente dos treinos dos demais brincantes.
Ensaios do grupo de Boi (participação de todos os brincantes).	Consiste no treino dos Índios e Índias em conjunto com os demais brincantes do seu grupo de Bumba-boi. Pode ser realizado ao final dos ensaios dos vários componentes da brincadeira, recebendo, em muitos casos, a designação “ensaio redondo” ou “ensaio final”. Segundo Alessandra, “[...] A gente se prepara através de ensaios [...] quando não é no ensaio a gente já tá preparado em casa, se preparando antes pra quando puder chegar aqui a gente já saber alguma coisa. [...] [na preparação] A gente dança, a gente se reúne pra ficar nas filas certas. Não pode... [...] do jeito que uma dançar a outra tem que dançar também. Não pode dançar uma desigual da outra. Tem que ser tudo certinho”. Em alguns casos, a dança muda anualmente e os movimentos podem ser criados ou adaptados pelos próprios brincantes ou por uma pessoa contratada para essa atividade.
Apresentações	As apresentações públicas têm seu ápice no período junino e constituem-se da execução das toadas e das danças e, em alguns casos, das representações dramáticas nas quais os índios e índias podem eventualmente participar.
Morte	A morte demarca o término das apresentações a cada ano (embora alguns grupos continuem a se apresentar, em virtude de contratos, após esse ritual). De forma geral, compreende diversas atividades de lazer e entretenimento, produção e consumo de bebidas e comidas e realização de rituais, entre os quais a morte simbólica do Boi ou a esbandalhada. Alguns grupos, por sua vez, realizam a “solta”, onde o Boi não é morto. Assim como as demais personagens, as índias e índios se fazem presentes durante as atividades dessa celebração, podendo participar, em certos casos, dos enredos dramáticos de morte do Boi.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Índios (as), Tapuios (as), Caciques e Caboclos.	Executam danças e, em alguns casos, cantos, versos e falas (durante as encenações realizadas por alguns grupos).
Boi, Amos (cantadores e cabeceiras), batuqueiros e outras personagens.	Interagem com os índios através de diferentes formas: 1) o Amo ou Patrão pode acionar esse grupo de personagens para capturar o Pai Francisco, por exemplo, em certas representações dramáticas, além de entoar as músicas (toadas) a partir das quais se desenvolve a apresentação dos índios e demais brincantes; 2) Batuqueiros provêm a percussão das brincadeiras que, em muitos casos, se reflete no ritmo da dança dos índios; 3) As demais personagens interagem com o grupo de índios durante a apresentação e, em certos momentos, em encenações ou pequenos atos realizados durante a própria execução da dança (o Miolo, por exemplo, pode aproximar-se de alguma índia para brincar com ela).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MA	01	00	05	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Cachê das apresentações.
QUEM PROVÊ	No caso do cachê, alguns grupos o recebem pelas apresentações quando estão cadastrados na Secretaria de Estado da Cultura, nas secretarias de Cultura ou de Educação de seus municípios; e em alguns casos de outros Estados, como Piauí e Pará. Além disso, os grupos podem ser convidados por empresas e outras instituições para realizar apresentações, ou ainda, por particulares que chamam o grupo para brincar na porta de suas residências.
FUNÇÃO	Os recursos são investidos na realização da celebração de forma geral (compra de matérias-primas empregadas na fabricação de elementos animados, como bonecos/ brinquedos, e instrumentos musicais; alimentação e transporte de brincantes; organização de cerimônias e atividades). No que diz respeito às turmas de índios, o principal gasto refere-se, em geral, à compra de materiais necessários à confecção das vestes e adereços que caracterizam essas personagens do ponto de vista plástico e simbólico. Em alguns casos, o grupo também contrata artesãos para a confecção dessas indumentárias ou elementos específicos, como cocares ou bordados.
DESCRIÇÃO	Realização de atividades para angariação de recursos.
QUEM PROVÊ	As atividades para geração de recursos são ações do dono/presidente do Boi ou dos brincantes para complementar a renda do grupo.
FUNÇÃO	A mesma.
DESCRIÇÃO	Obtenção de apoio financeiro.
QUEM PROVÊ	A obtenção de apoio financeiro se dá pela ação do dono/ presidente do Boi ou dos brincantes para complementar a renda do grupo.
FUNÇÃO	A mesma.
DESCRIÇÃO	Doações.
QUEM PROVÊ	Pessoas que têm afinidade com o grupo.
FUNÇÃO	A mesma.
DESCRIÇÃO	Recursos próprios dos brincantes ou do dono do Boi.
QUEM PROVÊ	Em muitos casos, os brincantes também investem seus próprios recursos para realização da brincadeira.
FUNÇÃO	A mesma.
DESCRIÇÃO	Sede do grupo/ barracão/ residência do dono ou presidente do Boi.
QUEM PROVÊ	O espaço pode pertencer ao grupo (ou à associação quando o grupo cria um registro jurídico) ou, ainda, ao dono do Boi, que pode ceder um cômodo de sua residência ou área externa para realização de atividades da brincadeira e armazenamento de pertences do Boi.
FUNÇÃO	O espaço tem como principal função o armazenamento de instrumentos musicais e a realização de algumas atividades (ensaios, reuniões e apresentações, por exemplo).

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Não há
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**MA 01 00 05 F40 03****10.6.COMIDAS E BEBIDAS**

DESCRIÇÃO	Na grande maioria dos casos, o grupo de índios, assim como outros brincantes, consome bebidas alcoólicas (vinho, cachaça, conhaque, entre outras) durante os ensaios e apresentações, bem como na festa da morte do Boi. Além disso, são preparadas refeições (carne assada ou cozida, arroz, feijoada, mocotó...) para os brincantes durante algumas etapas da celebração.
QUEM PROVÊ	As bebidas são fornecidas pelo dono ou presidente do grupo e, em alguns casos, são adquiridas pelos próprios brincantes. Os pratos podem ser feitos pelas cozinheiras (torcedoras, conserveiras) que auxiliam o grupo.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não informado.

10.7.OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS

DESCRIÇÃO	Lanças, arcos e flechas.
QUEM PROVÊ	Integrantes dos grupos de Boi ou artesãos contratados.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Fazem parte da caracterização visual de algumas personagens indígenas e podem ser destacados em algum momento da performance coreográfica dos grupos ou durante as representações cênicas (quando há).

10.8.FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Em certos grupos de Boi, as Índias utilizam cocares (também chamados capacetes e coroas), saias ou saiotes, peitorais (também identificados como guarda-peitos), braceletes e tornozeleiras de plumária diversificada. Podem ser usadas penas naturais ou artificiais e as mesmas podem ser tingidas ou não. Materiais como paetês, espelhos, pedrarias, miçangas e canutilhos, entre outros, são usados para ornamentar as faixas de tecido nas quais as penas são fixadas. Alguns grupos utilizam ráfia (ou saco de estopa desfiado) para ornamentação de certos adereços, tais como a coroa e o saiote, especialmente nos grupos identificados como Bois de Zabumba (embora muitos deles utilizem indumentárias de pena na atualidade). No caso dos Índios, observa-se que, em alguns grupos, o personagem Cacique utiliza calças ornamentadas ao estilo das vestes de sociedades indígenas norte-americanas, grandes cocares e adereços de pena e, frequentemente, peito nu (com ou sem pinturas corporais) e, às vezes, guias e/ou cordões de miçangas e outros materiais. Atualmente, muitos grupos deixam as pernas dos índios de fora, recorrendo a pequenos saiotes de tecido ou penas. Em relação aos Tapuios, de forma geral, observa-se a utilização de fibras naturais que pendem da base de um capacete (às vezes ornamentado com papéis ou plástico) e chegam próximo ao chão, cobrindo quase todo o corpo do brincante.
QUEM PROVÊ	Podem ser contratados artesãos para a confecção de alguns componentes das vestes, mas muitos grupos contam com a colaboração dos brincantes para ornamentação de suas indumentárias.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As vestes definem as particularidades plásticas desses diferentes personagens, tanto em relação aos demais brincantes de sua turma, quanto às personagens indígenas de outros grupos e localidades.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MA	01	00	05	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	O universo da dança dos diversos personagens que fazem parte do complexo de Índios, Tapuios e Caboclos é bastante heterogêneo e qualquer generalização resulta em reducionismos e imprecisões. Por um lado, em diferentes regiões se constituíram formas de expressão corporal facilmente distinguíveis, por outro, a liberdade criativa das turmas (que muitas vezes leva à re-elaboração anual de coreografias) e a existência de formas de brincar diferenciadas em uma mesma localidade impedem o agrupamento de modelos coreográficos por município. Certos grupos adotam uma estrutura coreográfica que baseia-se na disposição dos brincantes em filas (cordões). Em alguns grupos, em cada fila há apenas uma categoria de "bailante", podendo haver duas ou mais filas da mesma personagem dispostas paralelamente no espaço. Essa organização não permanece inalterada durante toda a apresentação, havendo deslocamentos de cordões segundo a evolução da representação. Além disso, pode haver variação na coreografia dos brincantes que se localizam nas laterais e no centro do conjunto. Esse princípio serve para os diversos cordões, inclusive o de Índias e, em alguns casos, Índios. Muitas vezes os movimentos são padronizados e deve-se obedecer a dinâmica de evolução da coreografia conforme as toadas, no decorrer da apresentação. Por outro lado, certas brincadeiras apresentam formações espaciais circulares (ou de semi-círculo), podendo variar a disposição das personagens, bem como os movimentos, de acordo com o momento da apresentação, o local onde a mesma ocorre ou a liberdade expressiva do brincante. Assim, além da ocorrência de padronização de coreografias, podemos identificar que, em determinadas turmas, o brincante tem liberdade de movimentação, embora deva comportar-se de acordo com as características da personagem. É importante ressaltar, também, que em alguns grupos identificados como Bois de Zabumba, a performance dos Tapuios é bastante distinta das Tapuias (também chamadas de Índias por alguns brincantes), pois busca expressar aspectos da masculinidade que envolvem a representação acerca do Índio criada por certos grupos de Boi.
QUEM EXECUTA	Índios, índias, tapuios, tapuias, caboclos, caciques e outras personagens que representam a figura do indígena na manifestação.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A dança caracteriza o temperamento e a identidade da personagem ao longo da performance e, juntamente com a música, é um dos componentes fundamentais da apresentação. Sendo um dos focos de atenção do público, contribui para o enriquecimento da estética da brincadeira e identifica as personagens em suas particularidades.

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Toadas
QUEM PROVÊ	Amos, cantadores, cabeceiras, mandadores, patrões, contra-amos e compositores. Palhaços e outras personagens (quando realizadas as comédias).
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Divertir, entreter, expressar uma mensagem ou informar sobre fatos da comunidade são "sentidos" que as toadas assumem. Mas a música é, sobretudo, um componente fundamental das brincadeiras de Boi e expressa as visões de mundo e concepções estéticas de seus autores e dos grupos e culturas nas quais são criadas. Além, é claro, de prover acompanhamento musical para a dança durante as apresentações e, em alguns casos, narrar histórias que serão representadas. No caso específico dos índios, as coreografias podem ser estruturadas a partir da sequência das toadas e os movimentos podem aludir ao tema que está sendo abordado pelos cantadores. Observa-se, em outros casos, que a execução das músicas e a dança apresentada por essas personagens não se relacionam de forma literal, como em uma dança dramática, mas o tempo, compasso e encadeamento da toada e do batuque determinam o ritmo dos movimentos e das células coreográficas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MA	01	00	05	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO (CONTINUAÇÃO)	Em alguns relatos sobre as representações cênicas da brincadeira, os índios cantam ou entoam versos durante sua participação na história de morte e ressurreição do melhor novilho da fazenda, sacrificado por Nego Chico, empregado da estalagem, para satisfazer os desejos de Catirina, grávida de um filho seu. Os índios também podem cantar nas palhaçadas, matanças ou comédias (que não se relacionam diretamente com essa narrativa), como citado por Alessandra Sousa, tapuia do Boi da Areia Branca, de Cururupu.
DESCRIÇÃO	Música das tapuias (cantada no momento da matança)
QUEM PROVÊ	As brincantes que representam as tapuias.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A música é necessária na composição da brincadeira durante a matança. Segundo Alessandra Sousa, as tapuias participam como guerreiras e têm a função de prender os palhaços: "Ela serve pra chamar, ela serve pra chamar o boi porque na hora que a gente canta, aí a gente dá uma paradinha e aí ele tem que mandar a gente vir atrás do boi e aí que a gente vem atrás pra buscar ele, pra voltar de novo".

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Os brincantes ou os dirigentes do grupo	Após cada apresentação, as indumentárias são armazenadas na sede do grupo ou na residência dos brincantes. Quando feitas de penas, as vestes são expostas ao sol esporadicamente para uma melhor conservação. Após o ciclo anual de cada grupo, as indumentárias podem ser vendidas a outros grupos, guardadas para o ano seguinte. A matéria-prima também pode ser reutilizada para confecção das novas vestes.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐ VENDE ☐ TROCA ☐ OUTRO ☒		O destino da performance dos Índios são as apresentações e rituais dos vários grupos de Boi. O público varia da comunidade local e pessoas de povoados e municípios vizinhos, até turistas de outros estados e países, especialmente quando os grupos apresentam-se em arraiais da Capital. Além disso, quando são feitos registros audiovisuais das apresentações, o público é formado pelos eventuais compradores de produtos como DVD's ou fitas VHS.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐ NÃO ☐ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☐	
	Em alguns casos, os índios recebem alguma retribuição financeira pelas apresentações. Todavia, na maior parte dos casos, esse recurso não é visto como um cachê ou pagamento e sim como um "agrado", ou seja, uma quantia módica dada esporadicamente aos brincantes como uma recompensa.	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MA	01	00	05	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐
--------------------------------	---------------------------------	--	---

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Os índios das brincadeiras de Boi não atuam em cooperativas e associações relacionadas diretamente à sua atividade. Todavia, em virtude dos registros jurídicos efetuados por alguns grupos, as brincadeiras assumem a forma de sociedades civis ou associações folclóricas, nas quais os integrantes que atuam como índios podem eventualmente participar.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Bumba-meu-boi do Maranhão	MA 01 00 04 F20 01
Indumentárias e bordados	MA 01 00 05 F60 04
Toadas	MA 01 00 05 F40 02

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

--

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL.**

Ver Anexo: Bibliografia

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Ver Anexo: Áudio-visual.

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Ver Anexo: Áudio-visual.

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Recomendo registro do complexo de personagens “Índios, tapuios, caboclos e caciques do Bumba-meu-boi” no Livro de Formas de Expressão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como parte do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	MA	01	00	05	F40	03
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	MA 01 04 05 Q20 02 - João Evangelista Pacheco Costa MA 01 05 05 Q20 11 - José Raimundo Barbosa Fonseca MA 01 12 05 Q20 03 - Raimundo Ferreira dos Santos MA 01 05 05 Q40 06 - Alessandra Reis Silva MA 01 16 05 Q40 01 - Hayanne da Conceição Brito Sousa MA 01 16 05 Q40 04 - Alieth Lorena Rodrigues Durans	
PESQUISADOR (ES)	Clícia Adriana Abreu Gomes, Josinelma Ferreira Rolande, Bárbara de Jesus Cascaes, Flavia Andresa Oliveira de Menezes.	
SUPERVISOR	Edyene Moraes dos Santos e José Raimundo Araújo Júnior	
REDATOR ⁷	José Raimundo Araújo Júnior	DATA 24/05/2008
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Elisene Castro Matos	

⁷ Revisado por Izaurina Nunes em junho/2008.